

Princípios Orientadores na Educação de Pessoas Surdocegas

Por: Alex Garcia

Nossa experiência já mostrou há muito tempo, que o simples fato de tocarmos nas palavras Pessoa Surdocega ou Surdocegueira na presença do ser humano provém de imediato um mundo desfigurado, um mundo sem luz nem som, portanto solitário e, para muitos, inatingível, conseqüentemente impossível de ser, pelo menos, em parte modificado.

Esse é o mundo, a realidade da Surdocegueira vista por alguém de fora. Porém, nosso objetivo ainda deve ser cumprido; desmistificar esta visão é necessário. Pois bem! Educar uma Pessoa Surdocega, sendo este apenas Surdocego ou apresentando outra deficiência associada, é um processo bastante complexo, principalmente tratando-se da Surdocegueira pré-simbólica, o que veremos mais adiante, aqui mesmo neste espaço.

Sobretudo, no que se refere à Surdocegueira pré e pós-simbólicas, estratégias educativas adequadas a cada grupo e inseridas neste, a cada pessoa poderão não o ser para outra, dado que cada pessoa é um ser único. No entanto, existem alguns princípios que, em nosso tempo de convivência e participações, mostraram-se úteis podendo ser importantes para futuras intervenções. Estes princípios podem ser agrupados da seguinte maneira:

Atitude do Educador

Ambiente de Educação/Aprendizagem

Relações com o Surdocego

Atitude do Educador

Ao desenvolvermos qualquer trabalho junto as Pessoas Surdocegas, é de fundamental importância a colaboração que as famílias têm juntado aos profissionais de outros serviços para a educação desta pessoa, no sentido de termos abordagens de cunho transdisciplinar em que as pessoas que dela fazem parte partilhem os mesmos objetivos. Conseqüentemente, a família e o educador não se sentem tão isolados sendo estes então os principais impulsionadores da educação das Pessoas Surdocegas. “Os outros técnicos trabalham diretamente com ela durante o processo de avaliação e ajudam a implementar as estratégias mais específicas nos ambientes naturais ao Surdocego.” (Smith e Lavack, 1996, p. 7). Também considerando a complexidade do trabalho, acarretando dessa forma abandono por parte de educadores e de equipe transdisciplinar, a família é, frequentemente, o único elemento que ano após ano continua o trabalho com a Pessoa Surdocega. Assim, quando esta está envolvida é mais fácil manter a consistência das estratégias e dar continuidade ao trabalho, principalmente a este significativo grupo de deficientes, dado que grande parte da intervenção, principalmente nas primeiras idades de uma Pessoa Surdocega pré-simbólica é reforçada ou realizada no ambiente familiar (Smith e Lavack, 1996, p. 8). Como acontece na educação de qualquer pessoa, outro princípio a considerar é a independência. O educador e a família devem procurar ajudar a Pessoa

Surdocega a funcionar o mais independente possível nos ambientes em que se encontra inserido. Para Pessoas Surdocegas pré-simbólicas, contribuir para independência pode significar ter muita energia, criatividade, tolerância de nossa parte, pois, pode ser mais fácil fazer a tarefa pela Pessoa Surdocega do que ensiná-lo a fazer. Para a Pessoa Surdocega pós-simbólica, independência pode significar o uso de algum equipamento especial, e, com certeza, a aprendizagem de modelos de comunicação alternativos.

Uma grande parcela das Pessoas Surdocegas ainda não é capaz de defender os seus próprios direitos, sendo essencial que quem contate com eles sistematicamente respeite os seus direitos individuais, como por exemplo:

o Ter consciência da privacidade da Pessoa Surdocega pré-simbólica, isto é, não discutir assuntos relacionados com ele na sua presença. O fato de frequentemente não conseguir falar ou ter dificuldades em pensar não significa não compreender que se está a falar dela. (Cushman, 1992, p. 9).

o Ter consciência que uma Pessoa Surdocega pós-simbólica pode defender seu ponto de vista e seus direitos apesar de ser Surdocego. Sua capacidade intelectual pode estar em plenas condições de desenvolvimento, e, isso pode justificar seu desejo de autonomia.

o Permitir que tenha a dignidade de correr alguns riscos naturais, deixando a Pessoa Surdocega fazer tudo aquilo que puder por si só, embora, por vezes, possa ser inconveniente para os outros.

Ambiente de Educação e Aprendizagem

É indispensável para qualquer Pessoa Surdocega criarmos um ambiente de aprendizagem que constitua uma verdadeira experiência do aprender. Devemos organizar um ambiente em que a Pessoa Surdocega possa estar ativo, promovendo ele próprio a aprendizagem, ou seja, um ambiente que convide a resposta. Devemos envolvê-lo numa aprendizagem ativa possibilitando, de algum modo ter controle sobre seu ambiente e motivação para iniciar respostas que controlem acontecimentos. É fundamental considerar a abordagem multissensorial principalmente quando a Surdocegueira apresenta dificuldades de desenvolvimento e sensoriais. “Como o Surdocego poderá ter dificuldades em aprender através da audição e da visão, beneficiará de uma intervenção baseada no desenvolvimento de outros sentidos” (Cushman, 1992, p. 10). Às experiências táteis são indispensáveis. É a forma de se adquirir informação acerca do mundo, principalmente se o indivíduo for totalmente cego. Os canais auditivos também são importantes, pois ajudam o indivíduo a funcionar nos ambientes. Adicionalmente, os sentidos do olfato, do gosto e do movimento também ajudarão a compreender melhor o mundo que nos rodeia. De acordo com Cushman (1992), cada um dos sentidos deve ser incorporado numa intervenção integrada, de modo a encorajar a Pessoa Surdocega a explorar o mundo a sua volta. É essencial ensinarmos habilidades funcionais (*1) a Pessoa Surdocega. Quanto mais funcional for o ensino, maior é a possibilidade de êxito, pois melhor compreende o seu significado. Assim é muito importante tanto para

a Pessoa Surdocega pré quanto para a pós-simbólica, analisarmos o valor de uma determinada habilidade. Questões como: para que aprender isso? Será relevante para sua vida futura? Promove sua independência? São muito importantes e devem ser consideradas.

Relações com a Pessoa Surdocega

As experiências e atividades devem centrar-se nos interesses das Pessoas Surdocegas. Com os pré-simbólicos este deve conhecer suas preferências e interesses em determinados objetos e atividades usando sua observação para isso e usando este conhecimento como ponto de partida para a seleção de atividades. Por outro lado, os pós-simbólicos, que são em grande parte mais susceptível a mudanças, seus interesses também devem ser respeitados, principalmente aqueles que visem à inclusão social, sua comunicação, e seu crescimento pessoal/individual. Outro aspecto capital, principalmente com relação aos pré-simbólicos é dar tempo para que ele responda. Uma criança Surdocega precisa de mais tempo para a manipulação e exploração tátil. Se tiver outras condições associadas, o tempo deve ser ainda maior. Ela precisa de tempo para dar sentido ao que acontece em sua volta, assim, “as mudanças de materiais, de atividades, não ficam confusas” (Chen e Dote-Kwan, 1995, p. 11).

Bibliografia

Chen, D.; Dote-Kwan J. Starting Points: Instructional Practices for Young children Whos Multiple disabilities Include Visual Impairment. Blind Children Center. Los Angeles, Califórnia, 1995. In: Nunes M. C. A. Aprendizagem Ativa na Criança Multideficiente com Deficiência Visual: um guia para educadores. Perkins School for the Blind, 1999.

Cushman, C. Teaching Children With Multiple Disabilities na Overview. Perkins School for the Blind, 1992. In: Nunes M. C. A. Aprendizagem Ativa na Criança Multideficiente com Deficiência Visual: um guia para educadores. Perkins School for the Blind, 1999.

Smith, M. e Nancy, L. Teaching Students With Visual and Multiple Impairments a Resouce Guide. Texas School for the Blind and Visually Impaired, 1996. In: Nunes M. C. A. Aprendizagem Ativa na Criança Multideficiente com Deficiência Visual: um guia para educadores. Perkins School for the Blind, 1999.